

A ASCENSÃO DA CHINA NO SÉCULO XXI: IMPACTOS GEOECONÔMICOS E GEOPOLÍTICOS PARA A ORDEM INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA

EL TABEY, Tatiana Ramos¹
SILVA, Saulo Henrique Justiniano²

Resumo

O artigo analisa a ascensão da China como potência global desde sua entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, destacando os impactos geoeconômicos e geopolíticos sobre a ordem internacional contemporânea. A pesquisa utiliza abordagem qualitativa e revisão de literatura sistematizada, considerando documentos acadêmicos e oficiais publicados entre 2001 e 2024. Examina-se a atuação chinesa em instituições multilaterais, bem como iniciativas estratégicas como o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) e a Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI). Os resultados indicam que a China, por meio de combinações de soft power e hard power, contribuiu significativamente para uma ordem internacional mais multipolar, redefinindo padrões de influência e cooperação global. A análise evidencia implicações para países em desenvolvimento, com foco especial na América Latina, demonstrando que a estratégia chinesa integra elementos econômicos, institucionais e tecnológicos que fortalecem sua posição no sistema internacional.

Palavras-chave: China. Multipolaridade. Geopolítica. AIIB. Cinturão e Rota.

CHINA'S RISE IN THE 21ST CENTURY: GEOECONOMIC AND GEOPOLITICAL IMPACTS ON THE CONTEMPORARY INTERNATIONAL ORDER

Abstract

This article analyses China's rise as a global power since its accession to the World Trade Organization (WTO) in 2001, highlighting the geoeconomic and geopolitical impacts on the contemporary international order. The research adopts a qualitative approach and a systematized literature review, considering academic and official documents published between 2001 and 2024. It examines China's role in multilateral institutions, as well as strategic initiatives such as the Asian Infrastructure Investment Bank (AIIB) and the Belt and Road Initiative (BRI). The results indicate that China, through a combination of soft power and hard power, significantly contributes to a more multipolar international order, redefining patterns of influence and global cooperation. The analysis highlights implications for developing countries, especially in Latin America, showing that China's strategy integrates economic, institutional, and technological elements that strengthen its position in the international system.

¹ Graduando em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Cidade Verde (UniCV). E-mail: tatianaeltabey@gmail.com

² Professor do Centro Universitário Cidade Verde (UniCV), orientador. E-mail: prof_saulo@unicv.edu.br.

Keywords: China. Multipolarity. Geopolitics. AIIB. Belt and Road initiative.

1. INTRODUÇÃO

A projeção internacional chinesa é um fenômeno central do século XXI, marcado por profundas transformações na economia e nas relações internacionais. Desde sua entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, o país experimentou crescimento econômico consistente, expansão de sua influência diplomática e projeção internacional significativa. Esse processo tem impactos diretos na configuração da ordem internacional contemporânea, caracterizada por uma crescente multipolaridade e por novos padrões de cooperação e disputa entre Estados (Arrighi, 2008).

O tema deste estudo se concentra em compreender como a China, por meio de políticas econômicas estratégicas, participação em organismos multilaterais e projetos como o Banco Asiático de investimento em Infraestrutura (AIIB) e a Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI), tem influenciado a redefinição da ordem internacional e as relações de poder global (Pautasso, 2015; Fiori, 2009).

O problema de pesquisa que norteia este pode ser formulado da seguinte forma: de que maneira a ascensão econômica e diplomática da China, a partir de 2001, impactou a reconfiguração da ordem internacional contemporânea?

A hipótese do trabalho é que a China, combinando estratégias de hard power e soft power, investimentos globais e participação em instituições multilaterais, contribui para consolidar uma ordem internacional mais multipolar, promovendo simultaneamente oportunidades e desafios para países em desenvolvimento, especialmente na América Latina (Fiori, 2009; Pautasso, 2016).

O objetivo geral deste estudo é analisar a ascensão da China como potência global e os impactos geoeconômicos e geopolíticos dessa ascensão na ordem internacional contemporânea.

Objetivos específicos: investigar os fatores internos e externos que impulsionam o crescimento chinês desde 2001, avaliar a atuação da China em instituições multilaterais e em projetos estratégicos, como o AIIB (Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura) e a BRI (Iniciativa do Cinturão e Rota), analisar os efeitos da ascensão chinesa sobre a governança global

e a multipolaridade, identificar as estratégias de soft power e hard power utilizadas pela China e suas implicações para o Brasil e a América Latina. Dessa forma, justifica-se a presente pesquisa, que busca analisar a ascensão chinesa e seus impactos geoeconômicos e geopolíticos.

A justificativa para a realização deste estudo baseia-se na relevância da China no cenário internacional contemporâneo. O país consolidou-se como a segunda maior economia do mundo com um PIB de aproximadamente US\$17,5 trilhões em 2023 (Banco Mundial, 2024) além de investir em projetos estratégicos globais que impactam diretamente o desenvolvimento de países em diferentes continentes. Compreender essas dinâmicas é fundamental para formular políticas públicas, estratégias de investimento e planos de cooperação internacional que considerem o papel crescente da China.

O objeto de estudo desse trabalho é o papel da China na reconfiguração da ordem internacional contemporânea, considerando sua política externa, econômica, institucional e militar entre os anos de 2001 e 2024.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo combina análises da economia política internacional e da geopolítica contemporânea, com foco na ascensão da China e suas implicações globais. Enquanto Arrighi (2008) entende a ascensão chinesa como resultado de uma dinâmica econômica global de longo prazo, Fiori (2009) destaca a centralidade de ação estatal e da geopolítica. Essa diferença revela que a ascensão chinesa pode ser lida tanto como consequência estrutural do capitalismo quanto como fruto de escolhas políticas deliberadas.

Enquanto Arrighi (2008) sugere uma continuidade histórica de ciclos hegemônicos que explicam a ascensão chinesa, Fiori (2009) sublinha as rupturas promovidas pelo protagonismo do Estado. Já Pautasso (2015) destaca a lógica sino-cêntrica via AIIB (Banco Asiático de Investimento de Infraestrutura) e BRI (Iniciativa do Cinturão e Rota, que contrasta com Colombo e De Angelis (2021), para quem a dependência tecnológica pode fragilizar países parceiros. Essa comparação evidencia como a ascensão da China é interpretada de formas diversas: ora como oportunidade de equilíbrio multipolar, ora como risco de novas dependências estruturais.

Nesse sentido, Arrighi sugere continuidade histórica de ciclos hegemônicos, enquanto Fiori sublinha rupturas estratégicas promovidas pela ação estatal, mostrando perspectivas complementares, mas não idênticas. De modo similar, Pautasso (2015) aponta para a lógica sino-cêntrica via AIIB (Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura) e BRI, ao passo que Colombo e De Angelis (2021) ressaltam riscos de dependência tecnológica, revelando tensões entre leituras otimistas e críticas da expansão chinesa.

Pautasso (2015) discute a criação de instituições como o AIIB (Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura) e a BRI, destacando como a China forma uma lógica sino-cêntrica, capaz de moldar padrões institucionais internacionais e estabelecer alternativas às organizações dominadas pelo Ocidente. Estudos de Burlamaqui (2015), Barbosa (2020), Cintra (2013), Rasador (2024) e Paulino (2018) reforçam a articulação entre estratégia econômica e política externa, mostrando que os investimentos em infraestrutura e tecnologia fortalecem simultaneamente a posição chinesa em multilaterais e regionais.

Autores como Amaral (2011), Fernandes (2023), Caixeta (2022), Oliveira Jr. (2013) e Sawaya (2011), analisam os impactos da política externa chinesa na América Latina, indicando que os investimentos chineses promovem integração econômica, mas também criam dependências estratégicas que alteram as relações tradicionais da região com potências ocidentais. Enquanto Colombo (2021) enfatiza a dimensão competitiva da disputa, De Angelis (2021), ressalta seus impactos estruturais de longo prazo, sugerindo que a corrida tecnológica não apenas redefine a balança do poder, mas também molda novos regimes de governança internacional.

Sugahara, Prado e Tiburcio (2021) abordam a transição global rumo à multipolaridade, destacando o papel da china na formação de um sistema internacional mais equilibrado, enquanto Mattos (2016), evidencia as tensões geopolíticas entre China e Estados Unidos, especialmente em cenários comerciais e militares.

Por fim, Sá e Rachedo (2023) analisam o papel dos bancos multilaterais (AIIB e NDB) como instrumentos da estratégia internacional chinesa.

3. METODOLOGIA

A pesquisa tem natureza qualitativa, de caráter exploratório-descritivo com elementos explicativos. Por se tratar de um estudo teórico, não foram coletados dados em campo, mas sim uma investigação bibliográfica e documental. O objetivo foi compreender a ascensão da China a partir de múltiplas fontes confiáveis, conectando teoria e prática em um panorama que abrange mais de duas décadas.

O recorte temporal compreende o período de 2001 a 2024, justamente para acompanhar os desdobramentos desde a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC). Para dar robustez à análise, foram considerados materiais em português, inglês e espanhol. Essa pluralidade de idiomas buscou garantir maior diversidade de perspectivas sobre o tema.

As fontes utilizadas incluem bases acadêmicas amplamente reconhecidas, como SciELO, Google Acadêmico, além de repositórios de teses e dissertações. Foram também analisados documentos oficiais de organismos multilaterais, como Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização das Nações Unidas (ONU), Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI), Novo Banco de Desenvolvimento (NDB) e, naturalmente, a própria OMC. Esses materiais - relatórios, livros brancos e dados institucionais – oferecem não apenas a dimensão teórica, mas também evidências práticas da atuação chinesa.

A estratégia de busca foi estruturada pelo meio de palavra-chave booleanas, como “China e geopolítica”, “China e multipolaridade”, “ordem internacional” e “economia políticas internacional”. Triagem inicial, feita no Google Acadêmico, retornou mais de mil registros. Após aplicação de filtros de ano, idioma e relevância, esse número foi reduzido para 95, dos quais 40 foram lidos integralmente. A seleção final priorizou estudos revisados por pares e documentos oficiais, a fim de minimizar vieses de interpretação e garantir consistência metodológica.

Na análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, organizando informações em categorias como crescimento econômico, instituições e governança, instrumentos de poder (soft power e hard power), bem como impactos da BRI (Iniciativa do Cinturão e Rota) e do AIIB (Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura) sobre a América Latina e o Brasil. Além disso, buscou-se comparar diferentes momentos históricos, como a adesão da China à

OMC em 2001, o lançamento da BRI (Iniciativa do Cinturão e Rota) em 2012 e a intensificação da disputa tecnológica com os Estados Unidos a partir de 2018. Essa perspectiva temporal permitiu identificar padrões de continuidade e mudança na estratégia chinesa.

Por fim, cabe destacar que a pesquisa reconhece algumas limitações, como a dependência de dados secundário e a assimetria entre fontes ocidentais e chinesas. Ainda assim, a triangulação entre literatura acadêmica e documentos oficiais possibilitou reduzir essas lacunas e conferir maior validade às interpretações. Todo o processo de citação e organização bibliográfica foi realizado em conformidade com as normas da ABNT, respeitando a ética e a integridade científica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A trajetória da China desde sua entrada na OMC em 2001 revela um crescimento econômico consistente, que a consolidou como a segunda maior economia do mundo. Esse avanço foi acompanhado por uma política de investimentos externos robusta, especialmente em infraestrutura e tecnologia, o que ampliou sua capacidade de influência global. O fortalecimento econômico não apenas elevou a participação da China nos fluxos de comércio e investimentos internacionais, como também lhe deu meios de propor alternativas às instituições tradicionais, questionando a centralidade do Ocidente no sistema global.

O PIB chinês atingiu aproximadamente US\$17,5 trilhões em 2023, equivalente a cerca de 18% da economia global (Banco Mundial, 2024). Já a AIIB (Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura) havia financiado mais de 200 projetos, somando cerca de US\$40 bilhões, enquanto a BRI (Iniciativa do Cinturão e Rota) ultrapassou US\$ 1 trilhão em investimentos em mais de 140 países (AIIB, 2024). Esses dados ilustram a magnitude da estratégia geoeconômica chinesa e seu impacto direto na configuração da economia global.

No plano geopolítico, observa-se uma disputa direta com os Estados Unidos, sobretudo em áreas estratégicas como tecnologia e segurança. Enquanto Arrighi (2008) interpreta a ascensão chinesa como parte de um novo ciclo de acumulação global, Fiori (2009) enfatiza a centralidade do Estado na disputa por semicondutores, inteligência artificial e 5G configura uma nova arena de competição global.

Na América Latina, e em especial no Brasil, os efeitos desse protagonismo já são claros. Em 2022, o comércio bilateral entre China e a América Latina ultrapassou US\$480 bilhões (CEPAL, 2023), confirmando a centralidade chinesa como principal parceiro comercial. Essa aproximação gera oportunidade de diversificação econômica, mas também riscos de dependência excessiva, principalmente em setores de exportação de commodities, Fernandes (2023) observa que o Brasil, embora fortalecido como potência emergente, precisa adotar estratégias de planejamento e diversificação de parcerias para evitar vulnerabilidades futuras.

Em síntese, os resultados indicam que a China combina hard power e soft power de forma pragmática, utilizando poder econômico, diplomacia, investimentos e inovação tecnológica para consolidar sua posição global. Entretanto, como alertam Pautasso (2016), Colombo e De Angelis (2021), essa ascensão traz tanto oportunidades quanto tensões, exigindo que países em desenvolvimento adotem políticas externas cautelosas e proativas. Para o Brasil, o desafio está em transformar essa relação em ganhos duradouros, equilibrando cooperação com autonomia estratégica no cenário multipolar em construção.

Além disso, buscou reduzir potenciais vieses de forma sistemática. A priorização de fontes revisadas por pares assegurou maior confiabilidade científica, enquanto a triangulação entre literatura acadêmica, documentos oficiais e relatórios de organismos multilaterais permitiu confrontar diferentes perspectivas. Esse cuidado metodológico contribuiu para minimizar distorções decorrentes de posições políticas ou institucionais, garantindo uma interpretação mais equilibrada e fiel da ascensão chinesa no contexto internacional.

5. CONCLUSÕES

A ascensão da China ao longo do século XXI representa um marco na transformação da ordem internacional. Sua trajetória desde a entrada na OMC em 2001 até a consolidação como segunda maior economia mundial, revela não apenas um processo de expansão econômica, mas também uma estratégia articulada de inserção política e institucional (Banco Mundial, 2024). Esse movimento tem redesenhado fluxos de poder e questionado a centralidade do Ocidente no sistema internacional, confirmando a hipótese deste estudo de que a China contribui para o

fortalecimento de multipolaridade, como defendem Arrighi (2008) e Fiori (2009), ao analisar os ciclos de acumulação e disputa por hegemonia global.

Os resultados da pesquisa evidenciam que a China não atua apenas como ator econômico, mas como formuladora de novas estruturas de governança global, materializadas em iniciativas como a Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) e o Banco Asiático de Investimento de Infraestrutura (AIIB). Essas plataformas não apenas ampliam sua influência geoeconômica, mas também oferecem alternativas concretas às instituições tradicionais dominadas pelo Ocidente, o que fortalece a autonomia dos países em desenvolvimento (Pautasso, 2016; Rachedo; Sá, 2023). Esse processo transcende a economia, afetando dimensões políticas, diplomáticas e até culturais, configurando um movimento sino-cêntrico (Sugahara; Prado; Tiburcio, 2021).

Outro aspecto relevante é a combinação estratégica de hard power e soft power, que confere à China uma posição singular no cenário global. Por meio de investimentos em infraestrutura, diplomacia ativa e avanços tecnológicos, o país constrói pontes de cooperação que, embora atendam a seus interesses nacionais, também criam vínculos de interdependência com diferentes regiões (Colombo, 2021; De Angelis, 2021). A América Latina e, particularmente, o Brasil, ilustram esse processo: a China se consolidou como um dos principais parceiros comerciais e fonte de investimentos estratégicos (Caixeta, 2022; Fernandes, 2023). Entretanto, esse vínculo levanta questionamentos sobre dependência econômica e soberania decisória, em consonância com análises críticas da economia política internacional (Oliveira Jr., 2013; Sawaya, 2011).

Conclui-se que a ascensão da China representa um dos fenômenos mais significativos do século XXI e possui implicações profundas para a geopolítica e a geoeconomia globais. Embora contribua para a multipolaridade (Arrighi, 2008; Fiori, 2009; Pautasso, 2019), sua trajetória não elimina tensões, principalmente com os Estados Unidos, em áreas tecnológicas e militar. Para países em desenvolvimento, como o Brasil, o desafio é cooperação sem abrir mão da autonomia e da diversificação de parceiros. Esse equilíbrio será crucial para transformar a ascensão chinesa em benefícios sustentáveis de longo prazo.

A governança global nos próximos anos dependerá da capacidade dos países em desenvolvimento de se inserirem de forma autônoma nessa nova configuração multipolar. A China tende a ampliar seu protagonismo por meio de novas plataformas institucionais e

tecnológicas, enquanto as potências ocidentais buscarão preservar espaços de influência. Nesse contexto, a América Latina, especialmente o Brasil, precisará adotar uma postura de parcerias, fortalecimento de sua soberania econômica e inserção ativa em fóruns multilaterais. Assim, o papel da China não deve ser visto apenas como desafio ou oportunidade isolada, mas como um elemento-chave de uma ordem internacional em transição que exigirá respostas criativas e coordenadas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Gabriela Granço do. Análise da diplomacia chinesa: a "ascensão pacífica" e seus questionamentos. In: 3º Encontro Nacional da ABRI (ENABRI), 2011.

ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. A ascensão chinesa, as transformações da economia-mundo capitalista e os impactos sobre os padrões de comércio na América Latina. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, São Paulo, n. 49, 2020.

BURLAMAQUI, Leonardo. As finanças globais e o desenvolvimento financeiro chinês: um modelo de governança financeira global conduzido pelo Estado. In.: CINTRA, M.; PINHEIRO, L.; MILANI, C. (Org.). China em transformação: dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento. Rio de Janeiro: IPEA, 2015. p. 277-334.

CAIXETA, Marina Bolfarine. A contribuição da China para a Cooperação Sul-Sul: o socialismo de mercado. *Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades*, Salvador, v. 47, n. 255, p. 186-217, 2022.

CINTRA, M. R. V. P. A presença da China na América Latina no século XXI: suas estratégias e o impacto dessa relação para países e setores específicos. 2013. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

COLOMBO, Sandra; ANGELIS, Ignacio de. La República Popular China y Estados Unidos: revolución científico-tecnológica y disputa tecnológica en el siglo XXI. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, v. 66, n. 243, p. 163-189, 2021.

FERNANDES, Ivan Filipe. O Brasil como potência emergente no Sul Global no novo cenário internacional: ameaças e possibilidades diante da mudança hegemônica. *Twentieth Century Studies*, n. 23, p. 99-115, 2023.

FIORI, José Luís. O poder global e a nova geopolítica das nações. *Crítica y Emancipación*, v. 2, p. 157-183, 2009.

MATTOS, Thaís Caroline Lacerda et al. As Disputas Hegemônicas entre Estados Unidos e China e a Construção de uma Nova Ordem Mundial. 2016. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado. Marília: FFC.

MEDEIROS, CARLOS AGUIAR DE. Economia e política do desenvolvimento recente na China. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 19, n. 3, p. 496-516, 1999.

OLIVEIRA JUNIOR, Márcio José. As raízes da política externa chinesa: perspectivas para a inserção no século XXI. *Fronteira: revista de iniciação científica em Relações Internacionais*, v. 12, n. 24, p. 122-141, 2013.

PAULINO, Luís Antonio. Hegemonia ou Governança Global Compartilhada. O que a China pensa? *Brazilian Journal of International Relations*, v. 7, n. 3, p. 581-610, 2018.

PAUTASSO, Diego. A China na nova arquitetura geoeconômica global e o caso do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura. *Meridiano 47*, Brasília, v16 p. 12-19, 2015.

PAUTASSO, Diego; UNGARETTI, Carlos Renato. A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico. *Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas*, v. 4, n. 3, p. 25-44, 2016.

PAUTASSO, Diego. Desenvolvimento e poder global da China: a política Made in China 2025. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, Porto Alegre, v. 8, n. 16, p.99-120, 2019.

RASADOR, Guilherme Schneider. Em busca de uma estratégia geoeconômica: a renovação da liderança econômica americana para rivalizar com a China no pós-Crise Financeira Global. In: 5º Encontro Nacional de Economia Política Internacional, 2024.

SÁ, Rafaela Mello Rodrigues de; RACHEDO, Gabriel. Os Bancos multilaterais de desenvolvimento no contexto da inserção internacional chinesa: perspectivas sobre a atuação do AIIB e NDB. *Diálogos com a China*, p. 142-160, 2023.

SAWAYA, Rubens R. China: uma estratégia de inserção no capitalismo mundial. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, São Paulo, n. 28, 2011.

SUGAHARA, Maria Carolina Graciano; PRADO, João Augusto Pereira do; TIBURCIO, Isabella Pizarro. A China e o sistema sino cêntrico como parte da transição rumo à multipolaridade: novos desafios geopolíticos no sistema-mundo. Diálogos com a China, 2021